

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE
PROJETO

AUTONOMIA E AUTOAVALIAÇÃO NO ATELIER DE PROJETO DE ARQUITETURA

Paulo Afonso Rheingantz

Grupo de Pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem - ProLUGAR
Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

INTENÇÃO:

discutir AVALIAÇÃO, AUTOAVALIAÇÃO e AUTONOMIA no atelier de projeto
AVALIAÇÃO ESCOLAR:

questão reconhecidamente complexa,

amplamente DISCUTIDA entre os PEDAGOGOS,

mas ainda OBSCURA entre os PROFESSORES DE PROJETO

SEMINÁRIOS PROJETAR:

> 700 artigos publicados

30% [280] tratam de ensino de projeto de arquitetura

0,86% [006] discutem a avaliação em projeto de arquitetura

CONSULTA POR E-MAIL A MAIS DE 40 PROFESSORES

03 respondentes tratam da questão pedagógica do processo de avaliação

O processo de avaliação no Atelier de Projeto

Mesa Redonda:

INTERESSE PREDOMINANTE: CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE

- pesquisar e discutir a teoria ~~PROJETO~~ prática da arquitetura em detrimento de
- pesquisar e discutir a teoria e a prática da educação em arquitetura

relacionado com o *HABITUS* e com a migração do modelo

ARQUITETOS QUE DÃO AULA para PESQUISADORES QUE DÃO AULA

DIRETRIZES CURRICULARES

- exigência de PROJETO PEDAGÓGICO
- recomendação de formação de PROFISSIONAL GENERALISTA
- profissionais sem formação pedagógica nas equipes responsáveis p/reformas curriculares

Contribuem para

- proliferação de “projetos pedagógicos” vazios de doutrinas e descontextualizados
- propostas curriculares se limitam aos aspectos operacionais

MUDAM APENAS AS GRADES CURRICULARES E OS NOMES DAS DISCIPLINAS,
MAS VELHAS PRÁTICAS OU “CURRÍCULO OCULTO” SEGUEM INALTERADAS
ESCOLAS PÚBLICAS SEGUEM COM PROJETO DE “EXCELÊNCIA”
EXCLUDENTE

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

DIA-A-DIA NAS ESCOLAS:

- Falta de clareza e consistência dos projetos pedagógicos e
- Falta de doutrinas

INDUZEM A UM ESTADO DE *LAISSER FAIRE*

No qual CADA PROFESSOR se sente à vontade para

- NATURALIZAR e IMPOR seus VALORES e MODELOS como os únicos válidos
- transformar sua disciplina em “CURSO AUTÔNOMO”

Obriga o aluno a “transitar” e ajustar frente a um conjunto variável de VALORES e VERDADES EXTERIORES que EXCLUEM e DESPREZAM seus sonhos, interesses e expectativas

AVALIAÇÃO

- se baseia e VARIA segundo as CRENÇAS e gosto de cada PROFESSOR,
- se ocupa apenas do PRODUTO FINAL [projeto de arquitetura em si]
- ISENTA o professor de qualquer responsabilidade pelo resultado final

Frase comum:

“O QUE O(A) SENHOR(A) QUER QUE EU FAÇA, PROFESSOR(A)?”

MEDIOCRIDADE DO PROFESSOR SE TORNA A META A ALCANÇAR

A Pedagogia da Autonomia

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE
PROJETO

UMA PEDAGOGIA FUNDADA NA **ÉTICA**, NO
RESPEITO À
DIGNIDADE E À PRÓPRIA **AUTONOMIA** DO
EDUCANDO

(Paulo Freire, 2001)

- 1 - Não há docência sem discência
- 2 - Ensinar não é transferir conhecimento
- 3 - Ensinar exige segurança, competência, generosidade, diálogo e compreensão

O que é avaliação?

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE
PROJETO

AVALIAÇÃO (Luckesi 1986)

JUÍZO DE QUALIDADE sobre dados RELEVANTES para uma TOMADA DE DECISÃO

... ou para REORIENTAR o processo de ensino-aprendizagem

VERIFICAR [latim *verum facere*] - fazer verdadeiro

AVALIAR [latim *a-valere*] - dar valor

DECISÃO SOBRE MANIFESTAÇÕES RELEVANTES PARA UM
DETERMINADO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

verificação quantitativa e qualitativa do rendimento obtido

envolve professor e alunos e ASSOCIA

MEDIR aspectos QUANTITATIVOS e QUALITATIVOS do rendimento escolar

+

JULGAR, DAR VALOR aos aspectos cognitivos, sócio-afetivos e psicomotores

pausa para pensar a prática e retornar a ela - não é um meio para estratificação

FUNÇÕES PRIMORDIAIS DA AVALIAÇÃO:

(1) DIAGNOSTICAR

(2) CONTROLAR E ACOMPANHAR

(3)

CLASSIFICAR

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

MODALIDADES DE AVALIAÇÃO (Luckesi 1986)

- Avaliação Diagnóstica [início do curso]
- Avaliação Formativa [ao longo do curso]
- Avaliação Somativa [final do curso]

EDUCAÇÃO

- se realiza em função de DOUTRINAS, PROPÓSITOS e METAS

PROFESSOR E ALUNO

- atuam p/atingir OBJETIVOS alinhados c/doutrinas, propósitos e metas

PLANO DE ENSINO e OBJETIVOS

- comportamentos a modificar com a aprendizagem

TEORIAS [DOCTRINAS] NÃO CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

- EDUCAÇÃO autônoma e passível de ser compreendida a partir de si mesma
- SOCIEDADE essencialmente harmoniosa e com tendência à integração de seus membros
- MARGINALIDADE desvio/distorção accidental que afeta seus membros, a ser corrigida p/educação
- PAPEL DA EDUCAÇÃO:
 - decisivo na conformação da sociedade evitando a desagregação e, mais do que isso,
 - garantindo a construção de uma sociedade igualitária
- TENDÊNCIAS ALINHADAS COM AS TEORIAS NÃO CRÍTICAS:
 - Escola TRADICIONAL
 - Escola NOVA
 - Escola TECNICISTA

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

ESCOLA TRADICIONAL

- surge com a ascensão da burguesia, após a Revolução Francesa
- com a necessidade de construir uma sociedade democrática alinhada com
- o princípio de que a EDUCAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS E UM DEVER DO

ESTADO

- necessário vencer a barreira da ignorância para converter os súditos em cidadãos
- escola assume papel de difundir a instrução, transmitir conhecimentos acumulados
- escola - “antídoto da ignorância”, que é identificada como a marginalidade
- organizada em torno do PROFESSOR

PREPARADO E RESPONSÁVEL PELA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

- ao ALUNO cabe o papel de,

COM DISCIPLINA, ASSIMILAR OS CONHECIMENTOS QUE LHE SÃO TRANSMITIDOS

Mesa Redonda:

ESCOLA NOVA [final século XIX, ganha força 1ª metade do século XX]

- “nova” maneira de interpretar a educação
- associa MARGINALIDADE com REJEIÇÃO, em lugar da ignorância
- procedimentos pedagógicos e c/a INCLUSÃO de crianças

excluídas/“anormais”

- “ANORMALIDADE” biológica/psíquica deixa de ser um problema negativo
- tratamento diferencial para DIFERENÇAS individuais [raça, credo, classe]
- busca AJUSTAR/ADAPTAR indivíduos à sociedade

EIXO DA QUESTÃO PEDAGÓGICA desloca-se do(s)

- intelecto > SENTIMENTO;
- conteúdos > PROCESSOS PEDAGÓGICOS
- disciplina > ESPONTANEIDADE
- lógico > PSICOLÓGICO
- quantidade > QUALIDADE

CUSTOS > poucas ESCOLAS EXPERIMENTAIS, equipadas, restritas às classes mais ricas

- provocam redução do nível do ensino para camadas populares
- deslocam eixo de preocupação do âmbito político para o técnico-pedagógico
- agravam problema da marginalidade

Mesa Redonda:

ESCOLA TECNICISTA [meados do século XIX] CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

- EFICIÊNCIA INSTRUMENTAL e NEUTRALIDADE CIENTÍFICA
- RACIONALIDADE, EFICIÊNCIA E PRODUTIVIDADE da produção fabril
- tornar TRABALHO PEDAGÓGICO objetivo e operacional
- ELEMENTO PRINCIPAL - organização racional dos meios
- EDUCAÇÃO PLANEJADA e RACIONAL minimiza interferências subjetivas
- PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO e CONTROLE por especialistas imparciais
- OBJETIVOS devem ser operacionalizados
- enfoque SISTÊMICO e ensino PADRONIZADO segundo esquemas previamente formulados
- ESPECIALIZAÇÃO das funções do trabalho pedagógico
- DISCIPLINAS devem se ajustar ao ensino planejado
- PROFESSOR e ALUNO - relegados à condição de meros executores
- EFICIÊNCIA compensa deficiências do professor e maximiza efeitos de intervenção
- MARGINALIDADE identificada com o incompetente, ineficiente e IMPRODUTIVO
- MÉTODO FUNCIONALISTA

O QUE IMPORTA É APRENDER A FAZER

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE

PROJETO

TEORIAS CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO

- escola é DETERMINADA SOCIALMENTE

- sociedade sofre determinação do CONFLITO DE INTERESSES das distintas

classes

- CLASSE DOMINANTE interessa PRESERVAR DOMÍNIO não interessa

transformar escola

Para superar o problema da MARGINALIDADE e da DIFERENÇA de CLASSES,

ESCOLA DEVE SE ARTICULAR EM TORNO DOS INTERESSES DAS CLASSES

DOMINADAS

ESCOLA CRÍTICA

- lutar contra marginalidade,

- esforço para garantir às camadas populares ensino de qualidade

- possível nas condições históricas da atualidade

- evitar que escola a educação sejam apropriadas e articuladas c/interesses

dominantes

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE

PROJETO

REFLEXOS DAS IDÉIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE PROJETO

- Reforma Universitária de 1969 [escola tecnicista]
- Estrutura departamental e prevalência da burocracia [escola tecnicista]
- Esgotamento da doutrina do Movimento Moderno
- Advento do Pós-Modernismo e sucedâneos [nebulosidade de doutrinas]
- Normativa das Diretrizes Curriculares [escola nova + escola tecnicista]

Resultam:

- no fortalecimento da presença da Escola Tecnicista, e
- na formulação de currículos fragmentados e esquizofrênicos

Qualificação e Renovação quadros docentes + Institucionalização Pós-graduação e da

Pesquisa +

Consolidação dos seminários Projetar

- evidenciam um VAZIO DOUTRINÁRIO ['PLURALIDADE'] e
- mistura [inconsciente(?)] de diferentes escolas pedagógicas nas práticas de ensino

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE
PROJETO

REFLEXOS DAS IDÉIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE PROJETO

DE UM LADO, temos

- dificuldade do aluno de projeto compreender os critérios de avaliação dos professores
- prática de avaliar trabalhos após final do curso - dificulta retorno da avaliação ao aluno
- dificuldade do professor realizar avaliação capaz de promover o crescimento do aluno
- desconhecimento das implicações pedagógicas da avaliação por parte dos professores
- nem sempre professores fazem seus “juízos de qualidade” com correção
- avaliação centrada em aspectos irrelevantes
- avaliação como “instrumento de poder”

DE OUTRO LADO, considerando que os ALUNOS

- devem ir à escola para aprender

PROFESSORES DE PROJETO deveriam se preocupar um pouco mais com

- o que fazer com alunos que não atingiram nível mínimo e necessário de aprendizagem
- saber se a dificuldade é do aluno, do professor ou de ambos
- trabalhar a AVALIAÇÃO como instrumento de conhecimento,
- apostar no desenvolvimento, crescimento e autonomia do aluno
- se preocupar um pouco mais com os reflexos pedagógicos de sua ação “intuitiva”

Escola Crítica e Autoavaliação no Atelier de Projeto

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AUTOAVALIAÇÃO

- 1 - EDUCAÇÃO é *uma* forma de intervenção no mundo que exige tolerância, respeito aos saberes do educando, à diferença e consciência de inacabamento (Freire, 1996);
- 2 - PROJETO DE ARQUITETURA é um *wicked problem* (Buchanan, 1992)
 - > possibilita DIFERENTES formulações e soluções, que ã podem ser ditas “corretas”/ “erradas”

MITO INSUSTENTÁVEL > PROFESSOR JUIZ COMPETENTE para julgar/avaliar trabalhos

OPÇÃO CONSISTENTE > REUNIR COLETIVO de avaliações dos SUJEITOS do processo

MÉDIA > resultado representativo da percepção do grupo sobre coerência/qualidade trabalhos

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE
PROJETO

Lev Vygotsky
&
A Crítica de Leitor

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE

PROJETO

Por mais que eu entenda que sejam possíveis diferentes pontos de vista sobre a obra de arte, sempre irei considerar que meu ponto de vista é o único correto ...

... não existe o Hamlet de Shakespeare, existe meu Hamlet, teu Hamlet, o Hamlet de Börne, o Hamlet de Gervinius, ou de Bernais, ou Rossi, ou de Mounet-Sully, ... em pé de igualdade;

... todos estão mais ou menos corretos.

Contudo, esse é um ponto de vista puramente racional: no entusiasmo da criação, ele é nefasto.

O crítico ou artista que cria seu Hamlet deve ser um fanático.

Meu Hamlet é uma verdade absoluta, o de outro não o é e não pode sê-lo: só nesse estado de ânimo posso criar alguma coisa efetivamente minha.

Gornfeld assim formula a questão:

o verdadeiro artista não precisa de tais leitores; ele os teme ...

Para ele é tão caro o leitor que pensa quanto prejudicial o leitor que compõe.

(Vygotsky 1999: XXII)

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE

PROJETO
Uma vez criada e exposta ao público,

uma OBRA DE ARTE [projeto de aluno/arquiteto] se torna autônoma,
separa-se de seu criador e passa a ter

TANTAS INTERPRETAÇÕES quantos forem os seus admiradores ou detratores.

A interpretação do CRÍTICO/AUTOR/PROFESSOR

[se torna] APENAS UMA dentre tantas outras

Potiebnyá: a ESSÊNCIA ou força DA OBRA NÃO RESIDE na INTENÇÃO do
AUTOR,

mas no MODO como AGE SOBRE o LEITOR/ESPECTADOR;

consequentemente, reside em seu CONTEÚDO POSSÍVEL

NÃO IMPORTA a opinião do AUTOR ou dos outros CRÍTICOS.

IMPORTA a OBRA EM SI, não os textos e análises;

a RELAÇÃO do PÚBLICO com a OBRA ... deixar a OBRA FALAR

diretamente ao DIRETAMENTE ao CORAÇÃO do ADMIRADOR/OBSERVADOR

em uma relação que é SIMBÓLICA e possibilita INFINITAS INTERPRETAÇÕES.

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

PROJETO DE ALUNO COMEÇA ANTES

Elementos deflagradores antecedem o projeto e estabelecem multiplicidade de mundos
O processo projetual se desenvolve simultaneamente no coletivo que resulta da reunião com colegas, professores e seus mundos particulares na disciplina:

- escolha do(a) professor(a)
- escolha da turma
- escolha sala de aula
- escolha do sítio de intervenção, ...

Tudo se move como um conjunto de reflexos "do além" que determina as escolhas, que podem resultar em diferentes emoções, ações e interpretações.

Como CRÍTICOS-LEITORES professor e alunos recriam os projetos,

SE CONVERTEM EM NOVOS AUTORES

De um lado o crítico-autor não se prende a nada no campo do projeto em estudo

De outro lado ele está irremediavelmente preso a esse mesmo projeto

Sua opinião subjetiva o prende a ele, mesmo não estando presa a nada objetivamente

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

Sua interpretação deve ser ... autêntica de dada obra

e não alguma composição a respeito;

nesse sentido, o autor o prende, só que não o prende 'biograficamente'

mas apenas na medida em que ele se refletiu nos limites dessa criação ou,

melhor dizendo, prende-o o texto do autor da obra;

... sua opinião deve ser sustentada até o fim e

não constituída de trechos e compilações de juízos alheios:

reconhecendo *objetivamente* a liberdade e a isonomia de todas as

interpretações,

subjetivamente o crítico deve

TER EM MENTE APENAS SUA INTERPRETAÇÃO

como sendo a ÚNICA (PARA ELE) VERDADEIRA.

(Vygotsky 1999: XXII)

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

Gornfeld (apud Vygotsky):

por mais que eu entenda que sejam possíveis

diferentes pontos de vista

sobre a obra de arte,

sempre irei considera que

MEU PONTO DE VISTA É O ÚNICO CORRETO ...

... é impossível encontrar, defender, concretizar a verdade ...

A certa distância, podemos reconhecer

de modo puramente teórico, eu diria racional,

que não existe o Hamlet de Shakespeare,

existe o meu Hamlet, o teu Hamlet,

o Hamlet de ...,

e que todos eles estão em pé de igualdade;

uns estão mais ou menos corretos.

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

O crítico ou artista que cria seu Hamlet deve ser um fanático.

MEU HAMLET É UMA VERDADE ABSOLUTA, o de outro não o é

Só um homem sem nenhuma religião pode ser ...

... tolerante com a crença; para o homem religioso ...

... a tolerância com a crença é ... obrigatoriamente exterior,

pois na interioridade é prejudicial a ele. ... [o CRÍTICO]

... sendo capaz de ... criar seu Hamlet,

pode ser 'tolerante com a crença' apenas objetivamente,

no prefácio, mas não nas páginas de seu trabalho.

(Vygotsky 1999: XXIII)

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

UM BOM PAPEL PARA A CRÍTICA DO PROFESSOR-LEITOR

Como justificar e aceitar que apenas um juízo – o do professor – tenha valor?

O que faz com que o único "Hamlet" válido seja o do professor?

Como é possível que os alunos aceitem essa prática?

Mas é compreensível e aceitável que o coletivo de "*Hamlets*"

tenha muito mais importância e consistência

do que o de apenas um indivíduo, por mais qualificado que seja,

especialmente se entendermos – como fazem os professores de arquitetura –

que projeto é uma obra de autoria.

Vygotsky recorre a Scully-Prudhomme para ressaltar

a importância do crítico – no nosso caso, da crítica do professor:

"estou convencido de que falar não é outra coisa senão

despertar no leitor seu próprio discurso interior"

(Vygotsky 1999: XXVII)

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE
PROJETO

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS UTILIZADOS NA CRÍTICA DE LEITOR:

O diletantismo dessa crítica permite deixar de lado

todo o problema científico e histórico

(época de surgimento, fontes, autor, influências da obra, etc.),

todo o problema biográfico de seu criador ...

... e, por último, toda a imensa produção puramente crítica que existe sobre ela.

Só uma coisa se exige do crítico:

o conhecimento do texto da tragédia.

... cria-se um clima inteiramente diverso para a pesquisa,

que fica circunscrita integral e exclusivamente ao campo de

uma tragédia definida e, mais além, de sua interpretação definida.

Projetado em técnicas de pesquisa,

isso significa que nosso estudo não precisa resolver

nenhum problema levantado de fora.

(Vygotsky 1999: XXVIII)

Considerações Finais

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE
PROJETO

Recorro a Vygotsky para ressaltar que ao estabelecermos e afirmarmos nossa concepção, estamos *subjetivamente* rejeitando as outras concepções, embora *objetivamente* não haja necessidade de fazê-lo.

É desejável que aqueles CRÍTICOS LEITORES do meu artigo ou ouvintes desta apresentação explorem tanto minha condição de autor quando a sua de leitor: que possam sofrer as "angústias da palavra" ou, segundo Odoievski, se deparem com um problema de "intradutibilidade", que abre "um abismo que separa o pensamento da expressão"

MUITO OBRIGADO!!!!